

o Libertário

LUTAMOS CONTRA
TODAS AS FORMAS DE
TIRANIA, DE EXPLORAÇÃO
E DE OBSCURANTISMO — E EM PROL DE
LIBERDADE E BEM-ESTAR
PARA TODOS.

Unidades Ativas e não Mentores do Povo

Crítica-se, com razão, a atividade no cenário da vida pública brasileira dos políticos profissionais que, praticando toda sorte de explorações, apresentam-se como combatentes ardorosos da democracia, da liberdade e dos direitos do povo.

Nada mais natural do que essa crítica. Explica-se porém o fato de que se origina: é que a correnteza das enchentes não sacode apenas os lírios das ribanceiras — arrasta também toda sorte de detritos acumulados nas margens nas épocas de vasantes...

O nefasto período de compressão da ditadura embarçou durante longo tempo a atividade de novos valores sociais na vida pública do país e, por isso, o ranço da velha política continua a impregnar o ambiente ao serem arrombados os compartimentos estanques do passado.

Isso, entretanto, não pode nem deve obliterar o sereno raciocínio. A mocidade, em certos setores, aí está a se expandir em demonstrações de energias novas, que não de servir de seiva para o movimento renovador do país.

Neste momento de equação de valores sociais, de bateamento de consciências, não é mais concebível haver elementos que pretendam agir como mandantes do povo e, principalmente, da classe trabalhadora, apresentando-se como seus mentores e guias situados em postos de mando de agrupamentos partidários, a expedir instruções e palavras-de-ordem de cima para baixo, de dirigentes a dirigidos.

Não é possível, neste instante decisivo de tentativas de reestruturação da vida nacional, que haja os que tentem arvorar-se em pastores políticos para conduzir o povo em panúrgico rebanho ou pretendam que se lhes emprestem os ombros à guisa de escada, para o salto às alturas dos cargos de representação ou de mando.

Não é admissível que se queira continuar conduzindo o povo como servil submisso, sempre à mercê dos manejos e conchavos de vivedores da política ou de pretenso salvadores, aparecendo ele, o povo, em todas as ocasiões, como mero comparsa.

Aqueles que verdadeiramente estejam identificados com a causa popular devem agir COM O POVO e não PELO POVO, pretendendo falar em seu nome, como seus condutores. E, assim procedendo, não poderão fugir ao imperativo da hora que passa, que exige decisão para a luta, mantendo-se à margem da arena onde os acontecimentos se desenvolvem, ditando normas de conduta. Ao contrário, sua participação deverá ser de unidades ativas no todo, suportando diretamente todos os azares das peijas, dando, ainda, o exemplo de atividade, de dedicação e de honestidade.

O momento exige pronunciamentos precisos, atitudes serenas, mas positivas. Está em jogo a causa popular, a causa do povo brasileiro. Quem ao povo pertença, por condição social, por sentimento ou por convicções, não pode, agora, que se canalizam energias potenciais em vésperas de manifestações dominadoras, manter-se na cômoda situação de espectador neutro, observando displicentemente a atuação alheia.

Cada um deve entrar com sua quota-parte de atividade para a campanha popular, aliando os pescadores de águas-turvas da política profissional, associando-se à luta contra as explorações e prepotências de que o povo é vítima, defendendo, ao mesmo tempo, a reivindicação de seus direitos menosprezados.

É preciso que na vida brasileira militem um povo consciente, constituído de individualidades, cada qual sabendo o que quer e o que faz, agindo de acordo com os ditames de sua consciência esclarecida, e não uma coisa imprecisa emanada de massas incolores, iludidas por encenações aparatosas, embrutecidas pelo espírito de obediência passiva a chefes, a pastores políticos, a líderes transformados em messias salvadores, em homens providenciais, que bem podem ser um Antônio Conselheiro ou um "fueher" de fabricação nacional, um padre Cícero ou um "duce" qualquer, fanatizadores de multidões de camisas pretas, rubras, pardas ou verdes.

Sempre, em qualquer circunstância e em qualquer meio, a ação deverá ser do povo, agindo por si e não a reboque de elementos que surgem e agem, em momentos como este, com atitudes e intuito de "duces" de nova espécie.

Assim, o povo terá a demonstração direta e convincente do seu próprio valor e da eficiência de sua ação, o que o levará a confiar cada vez mais no resultado de seus esforços. Destarte, libertar-se-á do espírito messiânico que o tem feito esperar de falsos defensores a consecução de suas aspirações, que somente poderão ser conseguidas por uma atuação consciente e ininterrupta.

E, assim, o povo brasileiro, longe de poder ser considerado como um paciente rebanho, à mercê do capricho alheio, ou como um conglomerado amorfo que se arrasta penosamente na vida nacional, será, ao contrário, um conjunto vivo de unidades operantes, vigilantes sempre no patrocínio da própria causa, sabendo defender-se diretamente, em qualquer emergência, sem a intromissão interesseira de guias ou de mentores.

Com esse objetivo sempre agiram e continuam a agir os anarquistas.

EDGARD LEUENROTH

Experiência Social no Rio Grande do Norte

Uma notícia que poderíamos considerar alviçareira se não partisse do Estado, publicada na "Última Hora" de 3 de dezembro, dá-nos conta de que se pretende fazer no Rio Grande do Norte uma experiência social de grande alcance. 400 famílias de camponeses jerimuns vão ser localizadas, à maneira dos "kibutzim" de Israel, em uma área de 20.050 hectares de terras desapropriadas pelo governador Aluisio Alves, existentes em quatro municípios do Estado do Rio Grande do Norte.

Fizemos a ressalva em relação ao Estado, não só por que nos mantemos fiéis ao princípio anarquista de que é preciso organizar a vida social sem Estado, baseada no acordo mútuo e na mútua solidariedade, mas ainda porque, no Brasil principalmente, o Estado não prima pela responsabilidade de seus membros em relação às coisas públicas. Haja vista o caso do abastecimento. Os açambarcadores e intermediários na venda de gêneros alimentícios usam e abusam do descaramento de sonegar ao povo os alimentos de que necessita, com o propósito ostensivo de aumentar os preços de maneira absurda e insultante. Partidas de arroz compradas com o dinheiro do povo no Rio Grande do Sul, pelos órgãos controladores de preços do governo (COAPS E COFAPS), desaparecem nas alfândegas e não chegam ao seu destino. Os produtores de leite elevam o preço de 30 para 55,00, e estão agora exigindo mais 20 cruzeiros por litro, ameaçando vender as vacas para corte ou transformar todo o leite em queijos e outros subprodutos do leite, se não forem atendidos. Os mandatos de segurança têm feito com que eles tenham sempre razão...

O mesmo acontece com o feijão, o açúcar, a batata, as verduras, tudo, enfim, absolutamente imprescindível ao alimento do povo. E ninguém toma providências, ninguém se preocupa se o povo tem de apertar a barriga e deixar os filhos morrer à míngua.

Uma experiência como a que se pretende fazer no Rio Grande do Norte seria muito interessante, e serviria de incentivo à realização de outras experiências em matéria de colonização, se não estivessem metidos nela elementos que se vão aproveitar da boa fé dos camponeses para se loqueptarem dos resultados, deixando os camponeses na miséria e na degradação de sempre.

Isso aconteceu com as obras contra a seca e acontece com todas as grandes iniciativas que visam melhorar os destinos do povo. As garras da política administrativa avançam em todas as realizações feitas em nome do povo e para o povo. E o que é pior, abusa-se do direito de falar em nome do povo, numa desbragada demagogia e irresponsável exibição de atitudes.

Não queremos dizer que todos sejam canalhas e ladrões. Mas há uma tal câfila de aventureiros que se metem na política com fins desonestos e visando utilidades pessoais, que as boas intenções saem sempre prejudicadas e os aproveitadores dos dinheiros públicos gozam de imunidades que os tornam inatingíveis, continuando a exibir-se na direção de seus automóveis caros e luxuosos enquanto o povo passa fome e vive em favelas imundas.

Existe uma verdadeira mafia organizada com todos os requintes de banditismo a manejar por trás dos bastidores os cordeis das marionetes políticas de nosso país. Esta é a verdade, dura e cruel, mas a verdade! Que é feito, por exemplo, da repressão ao contrabando? Ninguém sabe. Foram nomeadas comissões de inquérito, os jornais encheram colunas de noticiário empolgante, ameaçou-se meio mundo, fez-se estardalhaço em torno do caso e... ficou por isso mesmo. Pelo menos é o que parece. As forças ocultas do Sr. Jânio Quadros continuam a agir por trás da sombra como se não houvesse governo nesta terra, nem justiça, nem vergonha.

Aplaudimos a iniciativa do Sr. Aluisio Alves, mas duvidamos dos resultados dos "kibutzim" jerimuns. E duvidamos por que não acreditamos na ação do Estado numa realização de tão elevado sentimento socialista.

SOUZA PASSOS



Aí temos a imagem fiel da situação presente: o povo trabalhador suportando o peso do capitalismo explorador. Onde? Aqui — e por todo mundo. Como? O Estado — servidor dos dominadores de todos os tipos — sujeita o povo à exploração por meio de sua engrenagem opressiva. Aos reclamos de suas vítimas, responde com perseguições: encarcerar, martirizar, enforcar, fuzilar, executar usando de bárbaros requintes.

No Brasil, a parasitagem que acumula colossais fortunas por meio de sórdidas especulações, vive a esbanjar milhões em orgiásticas festas, exibidas em afrontosas reportagens ilustradas nas revistas de grande tiragem. Ainda agora, ao final do ano (de privações e misérias para o povo), a chamada "gente-bem" esbanjou milhões em luxuosos "reveillons" realizados em São Paulo, Guanabara, em outras cidades, incluindo uma do polígono das secas. Somente numa dessas farras da Guanabara foram consumidas quinhentas garrafas de Whisky — fermentado com o suor e o sangue dos trabalhadores.

Até quando durará isso? Até quando o povo trabalhador se resolver a libertar-se da política, da mistificação dos pelegos, da intrinseca de líderes, dirigentes e messias de todas as cores — e decidir-se a agir diretamente em defesa de seus direitos conspurcados, livrando a sociedade dos parasitas e tiranos, para estabelecer a organização social baseada no trabalho que proporcione bem-estar e liberdade a todos os que labutam positivamente.

Mercado Comum Europeu

De ALDO GUERRA

No fato da criação do Mercado Comum Europeu temos que considerar dois aspectos primordiais: o econômico, predominante, e o político. O Mercado deriva, em última análise, das tentativas fracassadas de unir politicamente a Europa, tentativas que tiveram início com o Conselho Europeu em Strasburg e pelos seis países componentes do MEC na organização de uma União de Defesa Européia.

O aspecto político só atualmente está vindo à tona, e o sucesso da iniciativa podemos facilmente adivinhar, pelos crescentes e virulentos ataques de bloco soviético que o visam politicamente pelas seguintes e principais razões:

1.º — Se o Mercado Comum Europeu formar uma terceira força será de apoio ao bloco ocidental e nunca neutra. Há alguns meses, a política exterior soviética se baseava nas supostas velhas e tradicionais rivalidades européias e nacionalismos antagônicos entre países da Europa. Aceitava Krushev que os alemães e franceses nunca superariam velhos ressentimentos. Admitia que os antagonismos econômicos, concorrência de trusts, imperialismo europeus, jamais coordenariam seus interesses econômicos. Acreditava que a segunda guerra mundial tinha aberto abismos insuperáveis entre alemães e vizinhos.

Hoje, o poderoso sr. Krushev está desesperado ante o "perigo" de uma Europa politicamente unida que se transforme em barreira para o avanço do imperialismo soviético.

os componentes do MEC são o fortalecimento das estruturas sociais contra as pregações bolchevistas. Os Partidos Comunistas, agências representativas do bolchevismo moscovita, não estão mais encontrando bases para sua política de agitação nos seis países do MEC (Alemanha, França, Itália, Bélgica, Holanda e Luxemburgo). Estão perdendo influência a olhos vistos, há diminuição do contingente eleitoral e partidário.

3.º — A associação de outros países previsto pelo tratado de Roma, estendeu a influência à Grécia (já associada), Turquia e países Africanos. O sentido político é que ainda está criando dificuldade de associação a países de tradição política neutra, tais como Áustria, Suécia e Suíça.

4.º — A admissão da Inglaterra, Noruega e Dinamarca, resultará em consequências imprevisíveis para a política mundial.

5.º — Barrado em seu avanço em direção ao Atlântico, o bloco soviético está receando que o MEC se torne o golpe mortal contra o bolchevismo, que perderia sua atração de imã para as novas nações africanas e asiáticas e para as nações enfraquecidas da América Latina.

Por tudo isto o Mercado Comum Europeu está constituindo um verdadeiro osso atravessando na garganta de Krushev, que até o momento não conseguiu safar-se da incômoda situação, a não ser com as clássicas fúrias de agressividade verbal, que já vão perdendo o efeito inicial.

2.º — As resultantes políticas para

Militantes Anarquistas na Revolução Mexicana

A tendência social da revolução mexicana, de 1910, no que ela teve de social, foi uma consequência da propaganda libertária desenvolvida durante muitos anos pelos anarquistas do México. Entre outros elementos de valor combativo que atuaram diretamente de armas na mão, ao lado do povo contra a ditadura do general Porfirio Díaz, os nomes de Praxedes G. Guerrero, Ricardo Flores Magon e Librado Rivera tornaram-se símbolos da luta libertária do México, não apenas pelo seu ardor revolucionário em prol da libertação do povo, mas através de artigos e conferências, de agitações na praça pública, e dando vida ao jornal "Regeneracion", que ainda hoje se publica.

Extraímos de um calendário da SIA (Sociedade Internacional Anarquista), a seguinte nota sobre a atuação dos anarquistas na revolução mexicana:

"1910 — 14 — No dia 14 de dezembro, em um combate travado contra as forças do governo, encontrou a morte esse homem generoso, inquieto, pensamento poderoso e personalidade transbordante, que se chamou Praxedes G. Guerrero.

Ricardo Flores Magon, Praxedes G. Guerrero e Librado Rivera foram artífices do movimento obreiro e anarquista no México, os que prepararam a consciência do povo mexicano para a Revolução de 1910. É preciso ter em conta os elementos primários que intervieram de forma ativa naquele gesto glorioso, para compreender quanto grande foi a obra da criação de consciência e de rebelião realizada por esses homens, nos quais se reunia o verbo, o pensamento e a ação.

A Revolução do México, o grito de "Tierra y Libertad" que agrupou os operários e camponeses ao redor de Flores Magon e de Praxedes Guerrero; a cooperação dos homens que internacionalmente afluiram ao México para levar seu concurso ao povo em armas — como em 1936, na Espanha — ocupa seu lugar na história das revoluções mundiais.

Praxedes Guerrero, figura pura e ardente de revolucionário, personalidade generosa e de coração ardente, soube morrer como herói, com a grandeza e serenidade dignas de um



Praxedes G. Guerrero

Spartaco. Seu nome fica indissolúvelmente ao lado de todos os que têm sido os forjadores de uma nova fé, de uma nova esperança e de uma nova aurora para a humanidade".

Ricardo Flores Magon morreu numa prisão dos Estados Unidos, em consequência de sua atuação na Revolução Mexicana, de 1910.

O Heroísmo do Trabalho

Na realidade, isto de trabalhar dever ser um ato de heroísmo. Primitivamente, deveria ser saudável e cavaleiresco; um cunho de honra para o homem!

Mas apareceu o primeiro amo sobre a terra, trazendo consigo o sistema de exploração e o seu séquito burocrático estatal, e o trabalho tornou-se uma maldição.

Senão, olhai esse operário que passa sujo, andrajoso, curvado sob o peso da miséria, com os pés e as mãos sangrentas, amarrado pela lei e pelo patrão. Que fez de mal para assim sofrer? Apenas isto: trabalhar, produzir dia e noite.

Vedes essa fábrica? Que se pasará lá dentro? Que drama se agita entre suas paredes elegantes, mas cruéis? Espreitei. Ali, ao pé da máquina, a pobre mãe proletária chora, enquanto se lhe corta o coração por não poder ver e dar de mamar a seu filho, que emudece de frio, no barraco, sem abrigo. Ali corre, de um lado para outro, o garoto aprendiz atemorizado pelos insultos do capataz.

Entretanto, deste cômodo salão e olhando como um abutre, o patrão dirige os escravos com o sádico prazer de escravagista. Daqui, ele vigia e saboreia babosamente a miséria da carne dolorida. Ele não sabe que cada um destes seres têm um coração e necessidades a satisfazer; ou finge não saber...

Isto, sim, que não lhe venham com reclamações nem exigências de melhores condições e melhor salário, por que não o admitirá e os ameaçará de pôr na rua. Se são muitos, e ameaça com uma greve, dará ordens às autoridades e estas farão com que sejam respeitados os seus direitos legais.

E como o Estado é o seu único empregado bem pago, da fábrica sairão os insurretos para a cadeia, para o exílio ou o fuzilamento. E sempre ficará no arquivo policial um processo e a imprensa reacionária os taxará de extremistas perigosos, corrosivos à sociedade.

Não é um heroísmo trabalhar nestas condições?

Ao ver-te, patrão hipócrita, tu que tratas de preguiçosos e perversos aos teus operários, eu te desafio a que vivas uma semana na chaga em que nós vivemos e que suportes a desnudez e as chagas do nosso corpo, e que vejas teus filhos na ignomínia, cheios de dívidas, de temores, de ignorância como os nossos. E tua mulher esmagada pelo desespero que a embrutece e a consome.

Sim, eu te dou isso por uma semana, nada mais, e verás, veremos se serás tão estoico e tão "cristão" para aguentares caladamente o teu destino, como queres que aguentemos o nosso.

P. SANCHEZ

ADMINISTRAÇÃO DE "O LIBERTÁRIO"

Com o intuito de trazer os amigos de "O Libertário" ao par de sua vida administrativa, a exemplo do que vimos fazendo, publicamos a seguir a relação das contribuições recebidas até o início da preparação deste número, desde a saída do número anterior.

Reiteramos o pedido para que nos seja comunicada prontamente a falta de registro de alguma contribuição que porcentura não haja sido registrada.

CONTRIBUIÇÕES PARA "O LIBERTÁRIO" - N.º 15

RIO DE JANEIRO - Diversos, 2.400; total 2.400,00.

SÃO PAULO - Lista do Germinal, 2.500; Tesoro, 1.000; Viotti, 1.000; Angel, 1.500; Panzarini, 1.000; Eurico, 1.000; Passos, 1.000; Planas, 2.000; Rojo, 500; Padilha, 500 + 500; Pedro, 500; A. Soares, 500; Gil, 500; Colli, 500; Abbot, 460; Lista do Virgílio, 450; Raya, 200 + 200; Eduardo, 100; Dias, 200; Linhares, 160; Cuberos, 200; Castro, 100; Florencio, 300; Palomar, 200; Lemos, 200; Fontana, 100; Montero, 100; Solé, 100; German, 200; Dantas, 100; Castro, 270; Andreotti, 200; Nunes, 110; M. Valverde, 200; A. Gomes, 200; Castro, 200; Alfredo, 200; Salvador, 200; A. Martinez, 300. Total 13.950,00.

BAGÉ - (RGS) - H. Gomes, 500; Past. Sobrinho, 1.500; Amigo Bancário, 100; P. Pereira, 200; Doraci, 300; Amigo da causa, 50; Aparício, 50. Total: 2.700,00.

Venda de Livros e Folhetos 2.275,00
Total das Contribuições ... 21.325,00
Saldo anterior 6.250,00
TOTAL GERAL 27.575,00

A Religião da Violência

III E ÚLTIMO

Em 1929, na Conferência contra a Guerra de Gases Letais, realizada na cidade germânica de Francfort, competente químico alemão declarou ser mais inquietante numa guerra total, não como se poderia crer, o emprego dos mais refinados meios de morte e destruição, mas sim o fato ainda mais detestável, e que o homem moderno já considera normal, — seja lá isso sob o comando de qual for autoridade oficial, — de envenenar aos milhões seus semelhantes, queimando-os e exterminando-os. Segundo este sábio, já se pode agora verificar que esta mentalidade coletiva assassina não deixou de exercer perniciosa influência na criminalidade individual em tempo de paz ou em tempo dito pacífico. Com efeito, os gases letais não provêm senão de espíritos envenenados e a guerra bacteriológica, de mentalidade contaminada. A sociedade moderna fundamentalmente não é senão uma forma sutilíssima de barbarie que contorna as loucuras individuais e coletivas, confundindo-se frequentemente com elas. Dêsse modo, a guerra total ameaça destruir não apenas toda a verdadeira civilização humana, mas também a vida mesma de dezenas de milhões de seres humanos, sem contar a exterminação infernal das plantas e dos animais...

Nada mais difícil que romper com todos esses métodos e tendências. Isso exige, como já começaram a reconhecer, muito mais sacrifício, coragem, iniciativa e espírito criador do que as próprias atividades guerreiras. Com efeito, "a paz é ALGO DE NOVO e é necessário ganhá-la". A violência e a guerra são costumes fundamentalmente arraigados na alma humana. Somos arrastados a isso não apenas política e socialmente, mas também moralmente e, com muita frequência, inconscientemente.

Na "Encyclopaedia Universalis Mundaneum", dirigida por Paul Otlet, da cidade de Bruxelas, se verifica que durante 3357 anos, começando-se lá por volta de 1500 anos antes de Cristo e indo até o fim do século dezoito, HOUVE 3130 ANOS DE GUERRA CONTRA 227 ANOS DE PAZ!... Uma proporção aproximadamente de um ano de paz para cada treze anos de guerra!...

Compreende-se, pois, a razão pela qual é muito mais fácil ceder-se à violência do que opor-se a ela. Não fosse isso outra coisa senão a causa mesma

da regressão moral e social que acompanha as tendências guerreiras. Cair e recair é muito mais fácil que levantar-se e elevar-se. E há ainda indivíduos e povos que demonstram suas preferências pela regressão!... Com efeito, para vencer a guerra e a violência, deve-se não apenas, para não citar senão o professor Duprat, liberar-se intelectual, moral e praticamente de um "determinismo social" profundamente enraizado e que se encontra dentro e fora de cada ser humano, mas é preciso criar um NOVO DETERMINISMO SOCIAL, determinismo da liberdade individual e coletiva — determinismo que, baseado tanto na responsabilidade individual quanto na social, deve ser desenvolvido a tal ponto que, finalmente, tornando-se por assim dizer instintivo, triunfe por sobre todas as tradicionais resistências.

Isso significa que também do nosso lado precisamos de vigorosas personalidades; todavia, com forças de natureza toda especial. Realmente, segundo esta concepção, não são fortes senão aqueles que, tendo cada vez menos necessidade da violência e da guerra, chegam finalmente a prescindir delas. Não são fortes senão os que, tendo já vencido nêles a guerra e a violência, souberam, tanto no plano político-econômico quanto no plano geral da civilização, se subtraírem às sugestões dos poderes oficiais. Não são fortes senão aqueles que, participando de nova consciência universal, se apresentam inquebrantáveis diante das exigências presunçosas do Estado, deste Moloch Moderno, e inacessíveis à toda e qualquer "nacionalização de consciências". Não são fortes senão aqueles que, numa sociedade baseada principalmente no puro medo animal e na desconfiança do próximo, se distingam dos demais por uma consciência que renova o universo e pelo COMPLETO DESDÉM AO MEDO. Não são fortes senão aqueles que, ao invés de escravizarem os outros, sabem dominar e governar a si próprios; e que, olhando face à face a verdade, têm até a coragem de reconhecer decididamente as qualidades morais dos homens e dos fenômenos sociais que, em princípio, combatem.

De B. DE LIGHT

OS CURSOS DO CENTRO DE ESTUDOS JOSÉ OITICICA

Continua com regularidade a atividade cultural deste centro do Rio de Janeiro, com sede à rua Almirante Barroso, 6, sala 1101.

Presentemente, prossegue o curso que tem por tema "Freud e a Análise dos Sonhos", a cargo do dr. Newton Ferreira Josetti.

As aulas são realizadas na sede do Centro, às sextas-feiras, das 20 horas em diante, onde as inscrições poderão ser feitas.

Nossa Estante

- "MEDO A LIBERDADE" — Erich Fromm Cr\$ 500,00
- "CONQUISTA DO PAO" — Pedro Kropotkin Cr\$ 180,00
- "LA REVOLUCION" — Gustav Landauer Cr\$ 380,00
- "REQUIEM POR UN CAMPEÑO" — Ramon Sender Cr\$ 350,00
- "NIKI O LA HISTORIA DE UN PERRO" — Tibor Dery Cr\$ 350,00
- "A FOME EM PORTUGAL" — Edgard Rodrigues Cr\$ 380,00
- "O RETRATO DA DITADURA PORTUGUESA" — Edgard Rodrigues Cr\$ 350,00
- "DELEGACIA A UM CONGRESSO SINDICAL" — Alexandre Vieira Cr\$ 200,00
- "EN MÉDIO DE LOS ENCUMBROS" — Conrado Liscano Cr\$ 200,00
- "UNA TRACION DE STALIN" — J. Garcia Pradas Cr\$ 100,00
- "SOLUÇÃO ANARQUISTA PARA A QUESTÃO SOCIAL" — E. Malatesta Cr\$ 50,00
- "LAS INGENUAS" — Conrado Rodrigues Cr\$ 50,00
- "PASIONES CAMPERAS" — Conrado Rodrigues Cr\$ 50,00
- "MI PRIMER PLEITO" — Conrado Rodrigues Cr\$ 50,00
- "PASION Y MUERTE DE LOS ESPAÑOLES EM FRANCIA" — Federica Montseny Cr\$ 50,00
- "NAUFRAGOS" — Adriano Valle Cr\$ 50,00
- "LA VOLUNTAD DEL PODER" — Rodolfo Rocker Cr\$ 50,00
- "EL TERROR BOLCHEVIQUE NA BULGARIA" — F. O. R. A. Cr\$ 50,00
- "O TEATRO RUSSO" — Conferência de José Oiticica .. Cr\$ 20,00

Já se encontra nas livrarias, em nova edição da Editora "NOVO MUNDO", o livro de José Oiticica "A DOUTRINA ANARQUISTA AO ALCANCE DE TODOS".

Remetemos pelo correio, pedidos, acompanhados de valores, para Editora "Mundo Livre" — Caixa Postal, 1 — (Agência da Lapa) — Rio de Janeiro.

"SOLUÇÃO ANARQUISTA PARA A QUESTÃO SOCIAL"

Brochura de 40 páginas, reunindo os seguintes capítulos, além da biografia do autor — Errico Malatesta:

- Origem dos males sociais — Fins e formas da sociedade — O Anarquismo — Socialismo e Anarquismo — O Anarquismo e a Moral — O emprego da Violência — Vias e Meios — A luta econômica — A luta política — Que querera e quem querera a próxima transformação? — Conclusão.

Preço: Cr\$ 40,00. Pedidos ao diretor do jornal, para a Caixa Postal 5739 — São Paulo.

Despropositos do Proposito do Concílio

O Concílio Ecumênico Segundo, aprovou uma mensagem ao mundo que, além de se evidenciar pelo seu teológico primarismo, um amontoado de mentiras e hipocrisia. A própria expressão "concílio ecumênico" já é uma convencional mentira, pois que aqueles que imparcialmente estão acompanhando o andamento do Concílio — que, diga-se de passagem, até agora apenas tem marcado passo — já terão notado que está longe de ser ecumênico.

Logo nas primeiras linhas, a mensagem afirma: "A Igreja não nasceu para dominar". Ora, desde o imperador Constantino (cognominado o Grande, mas que deveria ter sido denominado de Sanguinário) no século IV, até ao papa Pio IX, isto é, até há um século atrás, a Igreja sempre se preocupou, por todos os meios, de dominar. E dominou, não apenas povos, como também, príncipes, reis e imperadores. E não há ninguém, por mais erudito que seja, capaz de, honestamente, contestar essas afirmações. Os comprovantes da História, nesse sentido, são muitos, infelizmente.

E a mensagem prossegue: "Por isso, e à espera de que a luz da fé possa resplandecer com maior claridade nos trabalhos do Concílio, acreditamos na realidade de uma renovação espiritual, que suscitará um feliz impulso para favorecer os bens humanos, ou sejam, os inventos da ciência, os progressos da arte, da técnica, bem como uma difusão mais ampla da cultura".

A "luz da fé", é como a dos vagalumes: só "resplandece" no escuro. Por isso eu duvido de que o Concílio venha a fazer algo pela renovação espiritual da humanidade. O melhor que a Igreja têm a fazer, neste sentido, é não atrapalhar. E não atrapalhando, já está fazendo qualquer coisa em favor dos bens humanos, por paradoxi que esta afirmação possa parecer. E se digo isto, é porque, historicamente falando, a Igreja sempre perseguiu os inventores e os cientistas. A. D. White, que foi reitor e professor de História da Universidade de Cornell, escreveu um notável livro, desde há muito tempo esgotado, dedicado especialmente a esse assunto, que tem por título: "História da Luta entre a Ciência e a Teologia". Parece-me que, infelizmente, esse livro não têm sido mais editado. Quanto aos progressos da arte, haja vistas ao

que está acontecendo nos países totalitários, como, por exemplo, em Portugal e na Espanha, com a coadjuração da Igreja. De resto, com a "luz da fé", da fé religiosa, é claro, pouco ou nada se pode fazer em benefício de uma mais ampla cultura, salvo se se trata de uma falsa cultura.

Mais adiante a mensagem diz-nos que a Igreja não possui riquezas e depois alude à "força do Espírito Santo prometido por Jesus à sua Igreja".

A afirmação de que a Igreja não é dona de riquezas, implica na pretensão de querer-se tapar o sol com uma peneira, como se diz vulgarmente.

Quanto ao "Espírito Santo", sejame permitido, por uma associação de idéias, contar um caso que, se não é verdadeiro, não está mal imaginado.

Era uma vez um par de crianças, irmão e irmã, que brincava com muito alarido em um dos compartimentos da casa em que residia. Nisto a vovózinha aproxima-se e, admoestando-os, pede-lhes que não façam tanto barulho porque a mamãezinha estava no quarto contíguo aguardando a chegada da cegonha que lhes vêm trazer mais um irmãozinho. Depois que a velhinha se retirou a menina teria perguntado ao irmão: "Será que a vovó ainda acredita nessa história da cegonha?"

E agora, por uma associação de idéias, conforme já disse, eu pergunto: será que a Igreja ainda crê na existência do Espírito Santo, com pomba e tudo, ou pretende tomar-nos por seus netinhos? Além de nossa mestra, também pretende ser nossa mãe. Por que, pois, não pode também ser nossa avó? Em termos de teologia, tudo é possível...

E os inocentes úteis da Igreja (como, por exemplo, o sr. Gustavo Corção, que tanto implica com a burrice de certos comunistas) que nos dizem sobre esse assunto?

OSVALDO SALGUEIRO

Os anarquistas propõem-se a substituir a organização autoritária pela organização voluntária, pelo livre contrato espontaneamente formado e perpetuamente dissolúvel, ligando os homens apenas pela comunidade de interesses, pela reciprocidade de conveniências, das afinidades e das simpatias.

EMILE GAUTIER

Estávamos na revolução de 1924. E enquanto o general Isidoro Dias Lopes mandava disparar alguns tiros de canhão na direção dos chamados legalistas, que já se encontravam nos arrabaldes desta Capital, alguns intelectuais casualmente achavam-se reunidos, em visita à ilustre escritora Maria Lacerda de Moura, no Jardim América, entre os quais encontrava-se o poeta Aristeu Seixas.

Trocavam-se idéias sobre política e a certa altura o sr. Seixas perguntou a Maria Lacerda qual a forma de governo que ela achava preferível. Eis a resposta. Isto é, o diálogo que se estabeleceu mais ou menos com as seguintes palavras:

— Para mim, a melhor forma de governo é não existir governo algum.

— Como assim? Isso é um paradoxo! Seria como na Rússia.

— Como na Rússia, não. Eu disse não existir governo algum. E na Rússia existe um governo.

— Mas como seria possível uma organização social sem governo, sem garantias pessoais, sem polícia, evidentemente? Assim, por exemplo, eu saio só, a estas horas (era mais ou menos meia-noite) daqui para minha casa e, de repente, um ladrão cerca-me na rua e me obriga a entregar-lhe o meu relógio. E como não há polícia... o que é que a senhora me diz a isto?

Vejo uma explicação um tanto transcendental, para não dizer vaga. Não satisfaz a ninguém. Então deuse um silêncio um tanto... como di-

A GUERRA

Era no tempo da guerra, 1944. Estávamos trabalhando, quando Lúcia, a telefonista, entrou na sala violentamente. Vinha transfigurada, possessa; seu filho, sua adoração, a razão de sua vida, havia sido convocado! Tinha que ir para a guerra. Um absurdo. Como poderia deixá-lo ir, vê-lo partir, tendo quase a certeza de que não voltaria, que seria morto pelos alemães. Todo o sacrifício de sua vida, destruído assim, de uma hora para a outra? Não, não era possível.

E as lágrimas corriam pelas faces de nossa pobre amiga.

Um colega disse: "Alguém tem que ir. É a guerra. A defesa da Pátria".

Mais encolerizada ela respondeu: "A defesa da Pátria? Porque não chamam para a guerra, para morrer nos campos de batalha os malandros, os vagabundos, esses seres tão prejudiciais que não fazem falta a ninguém, e deixam em paz os nossos filhos, que são pessoas de bem, que frequentam escolas, que serão doutores amanhã".

Pobre Lúcia. No desespero da grande dor que a atormentava, não compreendia que: os malandros, os ladrões, os vagabundos, também têm mãe que sofre por eles. Que a dor de uma preta esfarrapada e descalça que mora no morro, é também dor, como a que sente a mãe branca, que é menos pobre.

A guerra, no dizer de seus fomentadores, é para defender: a pátria, o lar, as instituições, as liberdades conquistadas pelos antepassados.

E os vagabundos, os malandros, que têm a defender? Nada; moram nos morros, sem higiene, sem conforto. Não vão à escola, não aprendem a trabalhar. Na trilha do crime, cometem barbaridades, e terminam na prisão, ou sob as balas policiais. Nada têm a defender, pois nada possuem. Nem lar, nem ambiente salutar, nada.

Não, Lúcia. Para a guerra não devem ir os vagabundos, como não devem ir os outros jovens. Ninguém deve ir para a guerra. O que é preciso, é que se acabe com todas as guerras. É preciso que os seres humanos aprendam a resolver suas divergências sem violência, sem ódio, mas com amor, compreensão e tolerância. Que desapareçam os interesses econômicos, a ânsia de poder e de domínio, para que todos os povos sejam irmãos e o fantasma da guerra se afaste de todos os cérebros.

ANGELINA

O LIBERTÁRIO

Diretor:

PEDRO CATALO

A publicação de "O Libertário" está confiada a uma comissão do jornal, sendo de sua incumbência os trabalhos de redação, administração e divulgação. Indica-se o nome do diretor por exigências de formalidades legais.

Toda correspondência (com valores, originais, indicações, etc.) deve ser endereçada EXCLUSIVAMENTE para a CAIXA POSTAL, 5739 — São Paulo, em nome do diretor.

Redação e Administração: Rua Rubino de Oliveira N.º 85 São Paulo

Assinatura Anual, Cr\$ 200 00

MOVIMENTO OPERÁRIO

As funções administrativas das organizações proletárias não têm nada de comum, nada de comparável podem ter com os cargos de mando das associações de outro caráter.

A vida sindical operária deve ser uma escola de solidariedade, onde todas as deliberações sejam tomadas e postas em prática por consenso geral e nunca pela vontade de um ou de uns tantos indivíduos.

Para se alcançar esse objetivo, desde que os libertários começaram a desenvolver a sua atividade na vida associativa dos obreiros, têm procurado influir no sentido de serem substituídas as diretorias investidas de mandatos autoritários e dispendo, muitas vezes, de atribuições discricionárias, em comissões administrativas, encarregadas de pôr em execução as resoluções das assembleias gerais.

Esse é o método, o único método que se conduna com os fins imediatos e futuros das organizações operárias.

Proceder de maneira diversa é alimentar o espírito de mandonismo, de caudilhismo, é contribuir para alimentar discórdias e rivalidades provocadas pelos atos autoritários de di-

retores cujas atividades contrastam com a tendência da coletividade.

O sindicato operário deve ser um organismo de ação, de luta, da qual devem participar todos os seus membros, sem o que qualquer atividade será nula.

Depositar, pois, diretamente, por efeito de cargos com atribuições de mando ou de prestígio concedido pelo indiferentismo, pela preguiça ou por boa fé, em um indivíduo, direitos de agir a seu bel prazer, é sujeitar a vida sindical operária a perigos, a riscos de desprestígio, de erros prejudiciais para a coletividade.

Há uma longa experiência que prova exuberantemente isso tudo. Portanto, não nos cansemos de de-

nunciar os inconvenientes e os perigos que, como os atos têm evidenciado, acarreta à vida associativa do operariado concederem-se ou permitirem-se atribuições de mando a um ou a vários agremiados, isoladamente ou constituídos em diretoria.

Dependendo a vitalidade da ação sindical proletária de cada um e do conjunto de seus componentes, é um erro, exuberantemente provado, colocar um ou mais associados em situação de poderem agir discricionariamente, de maneira autoritária, ferindo, assim, os princípios básicos de orientação sindicalista de ação direta, que se norteia pelo critério da corresponsabilidade coletiva, da solidariedade — único esteio da potência associativa dos trabalhadores.

Permitir que elementos no meio operário possam agir como mandões governamentais, é dar lugar a discórdias e, conseqüentemente, ao enfraquecimento da influência dos sindicatos.

FREDERICO DE BRITO

O Terrore Salazarista em Portugal

Após haver assassinado o pai — Arnaldo Simões Januário — Por ser anarquista, a polícia portuguesa persegue e tortura os filhos — Alberto e Carlos Simões Januário.

Nas masmorras da gestapo salazarista sofrem os mais cruéis castigos milhares de opositores, alguns dos quais se encontram com seus dias contados. Para que tais crimes não se revistam de todos os requintes de crueldade, precisamos denunciá-los com urgência! Precisamos denunciar à opinião universal livre os crimes do tirano silencioso, do ditador Salazar.

Quem viveu e militou em Portugal, de 1932 a 39, destaca entre os grandes crimes da Pide, ou mais claramente de Salazar, a tragédia do militante libertário Arnaldo Simões Januário: as suas deportações para Timor, depois na prisão de Coimbra, Forte da Trafaria, Aljube (de Lisboa), Fortaleza de São João Batista, na Ilha de Terceira, (Açores), e finalmente o seu assassinato no Tarrafal, em 27-3-1938.

Arnaldo Simões Januário, era barbeiro em Coimbra, cidade onde o então "João Ninguém Salazar" dirigia o

Pasquim, reacionário "Correio de Coimbra", imprimindo-lhe orientação odienta. Por isso, o seu diretor se viu às voltas com os trabalhadores, a quem sempre que podia tentava denegrir. Sendo Arnaldo Simões Januário um dos mais ativos e conhecidos militantes de Coimbra, várias foram as discussões entre o operário barbeiro e o professor Salazar.

O então diretor do "Correio de Coimbra", muitas vezes fora forçado a publicar notas retirando afirmações que havia emitido, e isso feria-lhe o espírito de vingança que sempre alimentara contra os seus opositores. Com a subida ao poder, como ditador absoluto, o tirano revela-se imediatamente. Agradeceu o seu ódio e sua polfeira cerea por toda parte o operário barbeiro que corajosamente defendia os seus ideais libertários. Vivendo por muito tempo na ilegalidade, veio a cair nas mãos da pide em janeiro de 1934. Como assumiu a responsabilidade do movimento de 14 daquele mês, a polícia pôde executar as ordens de seu amo Oliveira Salazar; pôde planejar e executar um crime e este ocorreu a 27-3-1938, depois de Arnaldo ter longa e penosa peregrinação pelas cadeias.

Agora, a Gestapo portuguesa investe contra seus dois filhos — Alberto e Carlos Simões Januário, ambos chefes de família, o primeiro pai de 2 filhos e o segundo de 4. A pretensão de que Alberto e Carlos haviam distribuído manifestos conclamando os trabalhadores a reunir-se em praça pública, no dia 1.º de maio, (reunião que se efetuou, contrariando as ordens policiais), foram presos nos últimos dias de abril, juntamente com José Marques. Desde então para cá, têm sofrido toda sorte de maus tratos.

Alberto Simões Januário foi submetido ao "Suplício da Estátua", (*) tendo caído desfalecido ao terceiro dia. O seu estado de saúde tornou-se grave.

Carlos Simões Januário, o mais jovem, resistiu 10 dias e 10 noites no "Suplício da Estátua" até que os seus algozes, já cansados de o torturar, interromperam sua malvada tarefa, entretanto, o cativo e os maus tratos morais continuam. Já são passados 5 meses sem que o seu julgamento se tenha processado, embora rumores vindos de Lisboa nos tragam a notícia de que o julgamento está anunciado para breve, no Tribunal Plêniário daquela cidade.

Mas o certo é que julgados ou não, suas vidas correm perigo!

Precisamos denunciar as prisões de José Marques e dos irmãos Carlos e Alberto Simões Januário, que a Polícia de Salazar tenta dar o mesmo fim que a seu pai, que ficou para sempre na Ilha de Santiago, no pequeno cemitério de Tarrafal. E. R.

(*) "Suplício de Estátua" consiste em manter o prisioneiro em posição de sentido, imóvel, sem poder se mexer nem mesmo para sacudir as mãos, por vários dias e noites consecutivas. Esse tipo de tortura tem matado muitos opositores nos últimos anos.

NOSSO CORREIO

Já o dissemos: este cantinho do jornal é destinado a antecipar as respostas, por carta, à correspondência que recebemos. Motivo: acúmulo de trabalho.

RIO DE JANEIRO — Angelina: Não se esqueça de que tem um espaço a preencher em cada número. Saúde!

RIO DE JANEIRO — P. Ferreira da Silva: Contamos com sua assídua colaboração. Saudações.

RIO DE JANEIRO — R. A. Barbosa: Atendendo ao pedido de sua carta, enviamos-lhe o livro indicado.

Publicamos em "O Libertário" uma relação de livros. Vamos enviá-lhe uma nova lista. Os números atrasados serão remetidos. Recebemos a importância indicada, conforme poderá ver na coluna "Administração de O Libertário". Saudações.

BAGÉ (RGS) — Pastorino: A dura realidade está bem espalhada em sua carta de 30 de novembro. Entretanto, não nos esqueçamos de que a capacidade do bom barqueiro é evidenciada quando rema contra a correnteza. Há, porém, uma compensação: o anarquismo é o movimento que vem atravessando todas as borrascas com toda a integridade de seu prestígio, evidenciando-se que os seus postulados ideológicos e seu método de ação estão sendo plenamente confirmados. Devemos ter a coragem de sermos minoria consciente, vencendo a influência corruptora de multidões embrutecidas. Valiosa a ajuda econômica e mais valioso ainda o apoio moral.

PÓRTO ALEGRE (RGS) — R. Fernandes: Foram indicadas nas listas de expedição os nomes indicados em sua carta de 28 de outubro. O atraso no recebimento do jornal deve ser atribuído à irregularidade postal, devido provavelmente ao excesso de correspondência no fim do ano. As duas importâncias foram recebidas e registradas na relação do n.º 13-14.

Aguardaremos a indicação do novo endereço. Têm razão: o mundo burguês decompõe-se em meio às suas contradições.

RIO — Ideal: Os demais originais aparecerão no próximo número. Há alguma novidade sobre o livro?

LIBERDADE

A liberdade é o maior bem que possuímos sobre a terra, e, uma vez violado o direito que a personalidade tem de agir, o homem, para reconquistá-la, é capaz de tudo: de um momento para outro, ele, que dantes era covarde, torna-se um herói, ele, que dantes era a inércia se multiplica e subdivide; e ainda mesmo esmagado pelo peso da dor e das perseguições, ainda sujeito a morrer, de suas cinzas renasce sempre mais bela e mais pura a liberdade.

Marechal Deodoro da Fonseca

Asseguremos a Publicação de "O Libertário"

É um apelo decisivo. Impõe no o imperativo da difícil situação em que nos encontramos para manter a publicação regular do jornal. A partir deste número, o custo de sua confecção sofreu novo e considerável aumento. Cada exemplar (neste formato reduzido e apenas com 4 páginas!) passou a custar 24 cruzeiros! Apenas a sua impressão. Devendo-se acrescentar as demais despesas forçadas, reduzidas ao mínimo: postais (expedição e correspondência), material administrativo, condução, transporte, etc. Sem contar os trabalhos de redação, revisão, administração, expedição, distribuição, etc., executados gratuitamente por militantes libertários, que também concorrem economicamente.

Urgem, portanto, positivas e imediatas providências. Quais? Fácil é enunciar-las: coleta imediata de recursos econômicos e aproveitamento rigoroso da tiragem do jornal.

Pela nota administrativa publicada regularmente, constata-se que o jornal está sendo mantido com a contribuição de um número relativamente limitado de pessoas.

E não é pequeno o número de pessoas a quem o jornal está sendo remetido regularmente. A maioria, porém, ainda nem sequer acusou o recebimento.

Este jornal não se publica com intuítos de lucros. Sua finalidade é a luta em prol de um princípio de justiça social. Para a sua manutenção não contamos com a renda da publicidade, nem de subvenções de qualquer natureza — que não podemos nem queremos aceitar.

Vive "O Libertário" apenas das contribuições daqueles que julgam necessária a sua publicação.

Conclusão: os militantes e simpatizantes de nosso movimento e os estudiosos que o queiram receber, precisam dar sua cooperação àqueles que estão diretamente encarregados de publicação do jornal.

Cabe a todos — e a cada qual — a remessa de contribuições — suas e outras que possam conseguir de pessoas interessadas pelo jornal.

Quem não desejar continuar a recebê-lo, que o devolva imediatamente. Cada exemplar de "O Libertário" deve ser cuidadosamente aproveitado.

Aos companheiros e simpatizantes o apelo final: Companheiros! Desde o surgimento de nosso movimento no Brasil, nunca lhe faltou pelo menos um órgão na imprensa como voz da nossa causa.

Não se concebe que ele nos venha a faltar justamente neste instante conturbado e decisivo da história!

Por certo não faltará, se todos cumprirmos o seu voluntário dever. E se faltar, a publicação do jornal será prejudicada.